EXPERIÊNCIA DE UMA EDUCADORA COM OS ESTUDANTES MBYÁ GUARANI

AN EDUCATOR'S EXPERIENCE WITH STUDENTS MBYÁ GUARANI

Antonia de Sousa Rocha[1]

Resumo

O presente texto propõe-se a apresentar, por meio de "narrativa de experiência" de uma professora, as vivências dos Mbyá Guarani no cotidiano escolar na E. M. Inoã, localizada em Maricá-RJ. Destacamos as vivências dos estudantes indígenas na escola fora do seu território, os limites das aprendizagens por fatores de inadequação de concepções, tempos e espaços. A metodologia desenvolveu-se pela escuta atenta valorizando a identidade indígena e o mapeamento das situações de preconceitos. Conclui-se pelo direito de os estudantes indígenas terem acesso a uma escola em seu próprio território.

Palavras-chaves: Narrativa de experiência. Estudantes Mbyá Guarani. Escuta atenta. Vivência. Racismo.

Abstract

This text aims to present, through the "experience narrative" of a teacher, the experiences of the Mbyá Guarani in everyday school life at E. M. Inoã, located in Maricá, Rio de Janeiro. Among these experiences, we will highlight the social challenges faced by Indigenous students in a school outside their territory, as well as the limits of learning caused by inadequate conceptions, time structures, and spaces. The methodology was developed through attentive listening, valuing Indigenous identity, and mapping situations of prejudice. It concludes by affirming the right of Indigenous students to have access to a school within their own territory.

Keys words: Experience narrative. Mbyá Guarani students. Attentive listening. Lived experience. Racism.

[1]Professora das séries iniciais de 1º a 5º ano e Diretora Adjunta na rede Municipal de Ensino de Maricá - RJ desde o ano de 2016. E-mail: asrocha@id.uff.br, Orcid: https://orcid.org/0009.0005.5996-7368.

Introdução

Já em 1958, Paulo Freire dizia em sua tese que:

> Somente uma escola centrada democraticamente no seu educando e na sua comunidade local, vivendo as suas circunstâncias, integrada com os seus problemas, levará os seus estudantes a uma nova postura diante dos problemas do seu contexto: e da intimidade com eles, a da pesquisa, em vez da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida (Freire, 2020, p. 56).

Aqui o autor apresenta a necessidade de termos uma escola integrada, plural e intercultural abrindo novas possibilidades de conhecimento. De modo que, provoque em nós e nos estudantes, novas disposições para que o conhecimento deixe de ser 'ideia inerte', e é neste sentido que nasce a proposta desta narrativa.

Sou nordestina, nasci no estado do Piauí no ano de 1964, moro no estado do Rio de Janeiro desde o ano de 1993, me graduei em Pedagogia pela Faculdade de Formação de Professores/Universidade do Estado do Rio de Janeiro FFP/UERJ-São Gonçalo, no ano de 2026 e pós-graduada em "Educação, Trabalho e Cultura Profissional: Multidimensionalidade da Práxis Docente", pela Universidade Federal Fluminense-UFF, no ano de 2024. Atuo como professora das séries iniciais e como diretora adjunta da Escola Municipalizada de Inoã desde o ano de 2018.

Nesta narrativa, apresento a vivência dos estudantes indígenas na unidade escolar de ensino regular Escola Municipalizada de Inoã. Eles vieram da aldeia Mata Verde Bonita com o objetivo de concluírem o ensino fundamental, foram alfabetizados na aldeia em sua própria Língua, o Guarani e em Língua Portuguesa, na Escola Para Poty Nhê ë já. Do ano de 2018 até o ano de 2024 convivi com os estudantes na qualidade de diretora adjunta da escola e este trabalho aborda o meu primeiro contato com indígenas. Trago a reflexão da necessidade de um ensino que respeite a língua materna dos Mbyá Guarani. O tema central é o desafio da educação escolar indígena

bilíngue e aponto as lacunas a serem enfrentadas, como por exemplo, a adaptação curricular, profissionais qualificados, inclusão e permanência dos indígenas no ensino regular em uma escola comum.

Aproximadamente no ano de 2022 com a chegada de professores, instrutores e mediadores indígenas notei o avanço na aprendizagem, na interação e no convívio diário dos estudantes indígenas com toda a escola e os demais agentes de ensino da comunidade escolar. Durante toda a permanência dos indígenas em nossa escola as aprendizagens foram múltiplas e recíprocas, vivenciei muitas trocas em eventos na aldeia e com a presença dos familiares dos indígenas em nossa escola, foram aprendizagens múltiplas. Eu me via naqueles meninos e meninas indígenas e todas as vezes que fui à aldeia revisitei minha infância, que foi de pé no chão, de tomar banho de rio, de subir em árvores, todas essas vivências fazem parte da minha história, então sinto que tenho muita afinidade com o bem viver dos aldeados da Aldeia Mata Verde Bonita em Maricá-RJ. A saída dos estudantes da U. Escolar E. M. de Inoã e o seu retorno para a aldeia certamente devolveu-lhes o prazer de estudar em seu próprio território e garantiu-lhes os benefícios da preservação cultural, do desenvolvimento em comunidade e especialmente devolveu-lhes o bem-estar psicológico.

Com a saída dos estudantes nasce em mim o desejo de estudar e pesquisar sobre os modos de vida dos aldeados que habitam na Mata Verde Bonita. Penso ser muito interessante acompanhar a trajetória dos nossos ex-alunos, quem sabe até acompanhar a trajetória estudantil e acadêmica de todos eles. Com a implementação da escola com os nove anos de escolaridade no território indígena houve um ganho muito grande para a comunidade estudantil da aldeia. Ao ler o TCC (trabalho de conclusão de curso) da Elizete Antunes “História e Mito na Educação Guarani”, percebo que é de extrema relevância a implementação da LDB – Lei nº 9.394/1996 que assegura o direito a uma educação específica, diferenciada intercultural e bilíngue e do Decreto nº 6.861/2009 que regulamenta a Educação Escolar Indígena e organiza o atendimento baseado em territórios etnoeducacionais, com normas e diretrizes próprias nas escolas localizadas em terras indígenas, compreendi a urgência em

retornarem ao seu território. A Escola Municipal Indígena Guarani Para PotyNhé ë Já contará com professores, diretores, instrutores e mediadores guaranis tornando possível que os objetivos de garantirem os espaços em seu território sejam alcançados como afirma a autora em:

> Sempre estamos lutamos juntos pelos mesmos objetivos. Os objetivos principais da luta são para manter, preservar e fortalecer a cultura guarani. Garantir os espaços do nosso território porque sem estes espaços não existe nhandereko que é a educação de vida guarani (Antunes, 2015, p.9).

É possível pensar no processo de guaranização da Escola Municipal Guarani Para PotyNhé ë Já, é importante refletir sobre a prática docente para a construção de uma escola que está localizada na aldeia e que verdadeiramente pertença à comunidade. Acredito que a escola passará pelo processo de guaranização que implica em colocar a língua Guarani Mbyá, o território, a espiritualidade, o Nhande Reko, os conhecimentos tradicionais e a participação da comunidade no centro da educação. Guaranizar significa ensinar e aprender em guarani, produzir materiais próprios e fortalecer a identidade construindo coletivamente uma educação escolar indígena específica, bilíngue e intercultural e isso não seria possível numa escola de ensino regular comum. É de suma importância que o conhecimento se dê na oralidade, na escuta e por meio da memória através da contação de histórias que, segundo Elizete Antunes, são contadas pelos mais velhos e que os brancos (Juruá) chamam de mitos guaranis e a autora aponta em:

> Sempre gostei muito de ouvir os mais velhos contarem as histórias que os brancos chamam de mitos guarani, percebi que assim, sempre foi a melhor forma de passar os conhecimentos da vida para os jovens e crianças sem perder os costumes e tradição, a verdadeira educação (Antunes, 2015, p.9).

Minha experiência com os estudantes indígenas foi um campo aberto e, agora, penso que o aprendizado na escola não indígena apresenta limites, mesmo que se respeite a identidade, cultura, diferenças e peculiaridades. O aluno indígena deve ser beneficiado no processo pedagógico de forma integral tendo suas questões educacionais respeitadas, sendo incluído efetivamente em todo o sistema escola de

modo que se sinta parte do processo e isso se torna possível em seu próprio território. Em "Diálogos Interculturais Escola/Comunidade e suas Repercussões no Processo de Alfabetização das Crianças das Classes Populares", Araújo e Rodrigues, afirmam que:

> Em nosso cotidiano, tanto da escola quanto da própria sociedade, permanecem vivas e pulsantes as marcas de uma cultura dominante (europeia, branca, masculina, cristã...) que se autonomeava representante do avanço (científico, civilizatório, social) e se impunha sobre culturas dominadas (indígenas, africanas) identificadas como representantes do "atraso e da ignorância" (Araújo e Rodrigues, 2017, p. 26).

As autoras reforçam que há uma tendência em subjugar outras culturas, baseadas em valores e crenças dominantes e desse modo caminha-se para uma visão que hierarquiza as culturas, colocando as demais em inferioridade, resultando em racismo étnico, religioso e de gênero. Na E. M. Inoã, mesmo que se pensasse numa escola Intercultural os limites como a língua, a cultura, as tradições e os costumes de um povo estavam colocados.

Vale destacar que foi possível observar, durante a permanência dos indígenas na Escola Municipalizada de Inoã, uma troca muito grande entre alunos, professores e demais trabalhadores da unidade escolar, aprendi sobre a culinária indígena, as danças, as brincadeiras e os jogos. A comunidade indígena da Aldeia Mata Verde Bonita (em Maricá/RJ) sempre teve um excelente relacionamento com a Escola Municipalizada de Inoã e sempre foram muito receptivos e participativos nas atividades culturais da escola. Mantive um intercâmbio com a aldeia participando das festas e comemorações realizadas no território indígena e isso fortaleceu os laços entre as duas comunidades. Atualmente o intercâmbio permanece, as visitas à aldeia são frequentes, faz parte do calendário escolar manter visitações com os alunos da Municipalizada de Inoã.

Acredito que o cotidiano da criança indígena em "território estranho" não tenha sido fácil, mas por outro lado imagino que tenha sido também um período de grande aprendizado. Notadamente vi o esforço de todos os envolvidos em garantir a permanência dos estudantes indígenas na escola de ensino regular comum, ao longo

dos sete anos. A escola recebeu instrutores, mediadores e professores indígenas para mediarem os estudantes em sala de aula. Observei que a presença destes profissionais fortaleceu o grupo e serviu para comprovar a necessidade de ofertar uma escola indígena com o ensino fundamental completo na própria aldeia.

Cabe aqui a indagação: o caminho de aprendizagem na escola de ensino regular é o melhor para aprendizagem do jovem Mbyá Guarani? Como se dá o processo de escolarização das crianças indígenas no município de Maricá? E agora como será em seu próprio território, uma vez que continuarão seus estudos na Aldeia Mata Verde Bonita? Não tenho respostas prontas, mas são estas indagações que me movem nesse cotidiano em que estou implicada. De acordo com a resenha do livro "Entre a escola e casa de reza" de Domingos Nobre por Renata Silva Bergo e Renata Lopes Costa Prado, o autor afirma que:

> Ainda são escassas as informações sobre os modos de vida das crianças indígenas na bibliografia antropológica brasileira. Além disso, ao considerar a diversidade de etnias e de culturas indígenas que convivem, ou coexistem, no país, temos uma ideia do tamanho da empreitada que há pela frente na busca pela garantia do direito à educação diferenciada, intercultural e bilingue, tal como prevê a Constituição de 1988. Afinal, uma política nessa direção requer que se conheça, tanto quanto possível, essas outras culturas, as suas línguas e em que suas demandas oriundas das sociedades não indígenas, ou como se diferenciam entre as diversas sociedades indígenas (Bergo; Prado, 2017, p. 48).

Pela citação acima constato a necessidade de conhecimento amplo e respeitoso na formulação de políticas públicas para a educação indígena e na elaboração dos currículos de formação de professores a fim de que uma educação diferenciada e intercultural seja implementada. Neste sentido, é importante que o currículo seja transformado na implementação do processo de escolarização do estudante indígena nas escolas de ensino regular não indígena. Analisando o artigo "Guaranizando a escola: O povo Mbyá Guarani no estado do Rio de Janeiro e seus processos de ensino aprendizagem" os autores Zephiro e Monteiro me fazem entender que:

> Compreender a língua, os códigos, normas e valores da sociedade não indígena são uma forma de acabar com interlocutores que falem pelos povos indígenas e empoderando-se assim, para a luta e resistência, aos ataques que historicamente sofrem, há séculos, em seus territórios, pela manutenção dos mesmos e pelas possibilidades de manutenção de suas culturas e modos de vida (Zephiro e Monteiro, 2020, p. 75).

Deste modo, uma escola intercultural não está limitada a ensinar os conhecimentos eurocêntricos à sociedade indígena. Ela precisa se propor a elaborar e reelaborar os conhecimentos com e pelos povos indígenas. Sua cultura e seus modos de vida deverão ser inseridos no currículo escolar. Inicialmente, na Aldeia Mata Verde Bonita as crianças são alfabetizadas em Guarani e, em seguida, é introduzida a segunda língua que é a Língua Portuguesa e somente após concluírem o fundamental I (anos iniciais do ensino básico de 1º a 5º ano), as crianças eram introduzidas numa escola não indígena da rede regular de ensino do município de Maricá, mas hoje o município já conta com duas Unidades escolares indígenas em território indígena. Em visita recente à aldeia Mata Verde Bonita fui convidada pela professora K. para conhecer a sala de aula onde ela atua com crianças na alfabetização. Foi possível observar que ainda estão em fase de adaptação, a escola abrange turmas de 1º a 9º ano, contando com turmas multisseriadas. Continuo em contato com os professores que trabalham na E. M. Inoã e na Escola Municipal Guarani Para PotyNhé ë Já, na aldeia e tenho notícias promissoras para o ano letivo de 2026 no tocante ao currículo para a escola indígena. O PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola será construído com o foco em seu território e versará sobre seus hábitos, costumes e tradições.

Por ocasião da minha visita à aldeia reencontrei dois ex-alunos e ao serem indagados sobre a continuidade dos estudos, apenas o B. seguia no ensino médio. G. me falou que estava parado devido ao trabalho, mas me prometeu que seguirá com os estudos. Vi nas redes sociais as fotografias de formatura de B. no Ensino Médio, enviei mensagem parabenizando-o pela conquista. Da mesma forma, recebi mensagens dele via whatsapp agradecendo a acolhida da escola e da direção, ele atribuiu parte da sua conquista ao acolhimento recebido. Ele fez um breve relato da sua passagem pela Municipalizada de Inoã. Após agradecer ele disse:

> Agora estou trilhando o meu caminho, escrevendo a minha história, talvez eu seja um escritor como você mesmo disse, mas têm outros caminhos que eu quero trilhar que é a medicina (...), quero fazer direito também.

Em outro áudio o B. fala de resiliência e pela primeira vez comenta sobre o racismo, ele nunca verbalizou o que vivenciava, limitava-se a chorar e eu apenas o acolhia, não sabia o que fazer, somente permitia que se recolhesse e se refizesse para depois retornar a sua sala de aula. Em seu relato ele diz:

> Eu não desisti daquela escola, mesmo parte das crianças sendo racista e fazendo perguntas inapropriadas que eu não sabia responder e mesmo assim não desisti. Quando saí da Municipalizada fui para E Ensino Médio no CIEP, lá encontrei pessoas maravilhosas, mas infelizmente tive que sair e fui para o E. Lá também foi maravilhoso, fui recebido pelos diretores e fui muito bem acolhido pela equipe da escola e sem vocês eu não estaria aqui hoje seguindo o meu sonho de fazer uma faculdade.

A história do B. me toca de modo especial por me fazer perceber e reiterar que toda criança precisa ser ouvida, acolhida e respeitada. Ele é responsável por me tornar sensível ao outro, ao diferente. A passagem dos indígenas pela minha vida de professora foi um ineditismo transformador, uma experiência única que despertou o desejo de me tornar uma estudiosa no assunto. Ter ido à aldeia foi revisitar a minha infância livre, leve e solta no interior do Nordeste. Em breve pretendo retornar à aldeia com o objetivo de revê-los e saber mais sobre a continuidade dos seus estudos no Ensino Médio, entre outras questões relativas ao território e a escola indígena.

Referências:

ANTUNES, Lizete, **História e Mito na Educação Guarani,** UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-graduação em Agroecossistemas. Florianópolis, 20 de fev. 2015.

ARAÚJO, Mairce da Silva; RODRIGUES, Nádia Cristina de Lima. Diálogos **Interculturais Escola/Comunidade e Suas Repercussões No Processo de Alfabetização das Crianças das Classes Populares**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 19, n. 1, jan./jun. 2017.

BERGO, Renata Silva; PRADO, Renata Lopes Costa. **Entre a escola e a casa de reza**: infância, cultura e linguagem na formação de professores indígenas guarani, de Domingos Nobre. 2018. Densidades. Número 18. Ano 6. Jan-mar 2018, {1996}.

BRASIL. Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009. Brasília, DF: Presidência da República, [2009]. Acesso em 21 de set. 2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Acesso em 21 de set. 2026.

FREIRE, Paulo, 2ª Ed. **Partir da infância**: diálogos sobre educação/ Paulo Freire, Sérgio Guimarães. – São Paulo: Paz e Terra, 2020.

ZEPHIRO, K. A., e MONTEIRO, A. J. de J. **Guaranizando a escola**: O povo Guarani Mbyá no estado do Rio de Janeiro e seus processos de ensino e aprendizagem. Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens, 1(2), 2020, p.73–97. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/9621 Acesso em: 20 de março de 2026.

Data do envio: 12/05/2026

Data de aceite: 08/10/2026